

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).



Apoio



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Nordeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho*
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 *Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio*
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 *O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território*
João Muralha Cardoso
- 925 *Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018*
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 *As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967*
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 *Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem*
Rafael Lima
- 971 *O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos*
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 *Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão*
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 *A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado*
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média*
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 *Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis*
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 *As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)*
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 *A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste*
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 *São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final*
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 *Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde*
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termiais de *Mirobriga* (Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro / Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

Prefácio

O volume que agora se publica constitui um instrumento indispensável para quem pretenda acompanhar os trabalhos do **III Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses (III CAAP)**, que decorrerá nos próximos dias 18, 19, 20 e 21 de Novembro de 2020, em Lisboa e no Porto, sendo ainda completado com uma visita ao Castro de Monte Mozinho e ao Museu de Penafiel, no dia 22 de Novembro, em que se comemora o 157º aniversário da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), a convite da Câmara Municipal de Penafiel, a quem se agradece na pessoa do seu Presidente, Dr. Antonino de Sousa.

Tendo os dois anteriores congressos organizados pela AAP decorrido em Lisboa, com o apoio da Biblioteca Nacional, e das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e com a participação de arqueólogos provenientes de todo o país, a Direcção da AAP decidiu continuar esta colaboração com o meio académico nacional, promovendo uma certa descentralização, tendo lançado um desafio a todas as universidades públicas do país com ensino de Arqueologia para acolherem e participarem na organização do III CAAP.

Esse desafio foi prontamente aceite pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pelo CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura Espaço e Memória”, a quem agradecemos na pessoa dos Professores Doutores Fernanda Ribeiro – Directora da Faculdade de Letras, Amélia Polónia – Coordenadora Científica do CITCEM e Mário Barroca – Professor Catedrático de Arqueologia e Sub-Director da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O III CAAP foi de início programado para ocorrer de forma presencial, como os dois anteriores. Porém, devido à pandemia do novo Corona vírus (Covid-19), que entretanto assumiu proporções muito grandes, acabou por se decidir que o encontro científico seria realizado, em parte, de forma presencial – limitada às sessões de abertura e encerramento, com um número limitado de participantes – sendo as sessões de trabalho realizadas em modo de videoconferência, a partir de salas disponibilizadas para o efeito na AAP e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ou do local escolhido por cada um dos comunicantes. Com esta solução, procura-se possibilitar um contacto e um debate de ideias e troca de conhecimentos tão próximo quanto possível entre os vários participantes, sem colocar em risco a sua segurança sanitária, cumprindo as normas recomendadas pelas autoridades nacionais e mundiais de saúde pública. A visita programada ao Castro de Monte Mozinho e ao Museu de Penafiel decorrerá com número limitado de inscrições, cumprindo todas as normas de segurança.

Apesar de toda a instabilidade que o país e o mundo têm vivido durante o ano de 2020, a resposta da comunidade arqueológica ao desafio deste Congresso foi, uma vez mais, excelente, tendo mesmo ultrapassado ligeiramente a adesão aos eventos anteriores. Com efeito, participaram cerca de 350 arqueólogos e foram entregues, dentro dos prazos e aceites, 112 comunicações e 46 posters, o que perfaz um total de 158 apresentações, agrupadas pelas seguintes áreas temáticas: 1. Historiografia e Teoria; 2. Gestão, Valori-

zação e Salvaguarda do Património; 3. Didáctica da Arqueologia; 4. Arte Rupestre; 5. Pré-História; 6. Proto-História; 7. Antiguidade Clássica e Tardia; 8. Época Medieval; 9. Época Moderna e Contemporânea.

No total, os textos entregues perfazem cerca de 2.200 páginas de trabalho científico, com estudos de âmbitos temáticos e envolvendo quadros crono-culturais muito díspares, num retrato actualizado da investigação arqueológica realizada por diversos arqueólogos que, independentemente da sua nacionalidade, trabalham no território actualmente português ou sobre contextos relacionados com a presença portuguesa no Mundo.

Devido ao elevado custo dos suportes digitais individuais, e às conhecidas restrições orçamentais resultantes da pandemia em curso, ao contrário das anteriores edições, disponibilizadas em DVD e em cartão-pen, os estudos apresentados no III CAAP serão disponibilizadas a todos os inscritos e, a toda a comunidade arqueológica, nos sites da AAP e da FLUL – CITCEM através dos seguintes endereços: http://museuarqueologico.ucp.pt/actas_III_congresso.html e <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arq>. A disponibilização imediata de todos os artigos enquadra-se nos pressupostos da Ciência Aberta e Ciência Cidadã, possibilitando um acesso ilimitado a tod@s fazendo com que a partilha do conhecimento seja verdadeiramente efectiva.

A realização em tempo útil deste Congresso, nas condições particularmente difíceis do confinamento que nos foi imposto, só foi possível graças ao cumprimento rigoroso das normas e prazos para entrega dos textos, e sobretudo ao empenho, dedicação e profissionalismo dos nossos consócios Andrea Martins e César Neves, da Comissão Científica e Executiva do III CAAP, assim como do designer Paulo Freitas, a quem manifestamos aqui o nosso profundo agradecimento.

A concluir, resta-nos desejar que o III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses decorra da melhor maneira possível mostrando, mais uma vez, a vitalidade, a qualidade científica e a resiliência da comunidade arqueológica portuguesa.

José Morais Arnaud

(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

TRABALHOS DE DOCUMENTAÇÃO DE ARTE PALEOLÍTICA REALIZADOS NO ÂMBITO DO PROJETO PALÆOCÔA

André Tomás Santos¹, António Fernando Barbosa², Luís Luís³, Marcelo Silvestre⁴, Thierry Aubry⁵

RESUMO

Apresenta-se uma síntese dos resultados dos estudos de arte paleolítica levados a cabo no âmbito do projeto PalæoCôa (PTDC/EPH-ARQ/0326/2014). Adoptou-se uma abordagem arqueológica que pressupunha o estudo integrado da arte no seu contexto geológico e arqueológico, o que permitiu uma melhor caracterização do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa, sobretudo no que se refere às suas fases magdalenenses e aos momentos imediatamente anteriores e posteriores.

Palavras-chave: Arte rupestre, Arte móvel, Paleolítico Superior, Vale do Côa.

ABSTRACT

We provide a synthesis of the results delivered by the rock art studies carried out in the context of the project PalæoCôa (PTDC/EPH-ARQ/0326/2014). We have adopted an archaeological approach that had at its core the need of an integrated study of prehistoric art within its archaeological and geological context. This approach has able us to better define the Palaeolithic graphic cycle of the Côa Valley, especially of its Magdalenian phases and the moments immediately previous and after.

Keywords: Rock art, Portable art, Upper Palaeolithic, Côa Valley.

0. INTRODUÇÃO

Uma das particularidades que fazem da arte paleolítica do Vale do Côa um elemento fundamental para a compreensão da arte paleolítica europeia prende-se com o número de rochas gravadas ao ar livre que aí se conhecem, número esse que ascende atualmente a 533 (Reis, 2014, p. 33). Este número vem reforçar a ideia da arte ao ar livre ter sido muito mais comum do que se pensava e de, muito provavelmente, ter sido até mais usual que a das grutas (e.g. Zilhão, 1997, p. 29). Este é, seguramente um dos aspetos da arte paleolítica do Vale do Côa que levaram a considerar a sua descoberta como uma “revolução copernicana” (Zilhão, 1997, p. 29).

Mas a arte paleolítica do Vale do Côa apresenta uma outra particularidade que a distingue dos restantes conjuntos ao ar livre do sudoeste europeu, a saber – a profunda relação com um contexto arqueológico coevo (e.g. Aubry, ed., 2009). Esta integração do conjunto rupestre num contexto arqueológico mais amplo onde se contam diversos tipos de sítios (*Figura 1*) é, a este nível, mais comparável à das regiões com arte paleolítica em ambiente cársico, como sejam a região cantábrica ou o Sudoeste francês. Por outro lado, pelo menos numa estação do Vale do Côa – o sítio de Fariseu – o dispositivo gráfico encontra-se em relação com uma sequência de unidades sedimentares que embalam vestígios de diferentes momentos da ocupação paleolítica do sítio, algo

1. Fundação Côa Parque; UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; andresantos@arte-coa.pt

2. Fundação Côa Parque; fernandobarbosa@arte-coa.pt

3. Fundação Côa Parque; UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; luisluis@arte-coa.pt

4. Fundação Côa Parque; marcelosilvestre@arte-coa.pt

5. Fundação Côa Parque; UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; thierryaubry@arte-coa.pt

que permitiu a inferência de diferentes cronologias para os diversos tipos de grafismos aí encontrados e relacionar cada um daqueles com diversos momentos da ocupação do sítio (e.g. Aubry, Santos & Luís, 2014; Santos *et al.*, 2018; Aubry *et al.*, 2020 A). Ora, esta relação direta entre um dispositivo gráfico e um contexto de ocupação é bastante raro, mesmo em ambiente cársico (e.g. Medina-Alcaide *et al.*, 2018). O conhecimento das ocupações do Paleolítico Superior da região, que hoje se sabe estender entre o Aurignacense final e o Azilense recente (Aubry, 2009, pp. 348-350; Aubry & *al.*, 2017; 2018; 2020 A), só foi conseguido graças a um contínuo trabalho de escavações e prospecções (e.g. Zilhão, dir., 1997; Aubry, 2009) que, com altos e baixos, se foi desenvolvendo desde que o país optou pela salvaguarda deste património em detrimento da construção de uma barragem.

Paralelamente, também o estudo da arte se foi desenvolvendo se bem que de forma mais intermitente. Assim, depois de um primeiro fôlego que resultou na publicação de um importante conjunto de levantamentos de rochas gravadas e respetivas descrições (Baptista & Gomes, 1997), atravessou-se um largo período durante o qual, embora se fossem publicando em trabalhos de cariz mais interpretativo ou mesmo de divulgação, os decalques de diversas rochas que se iam fazendo no contexto do Centro Nacional de Arte Rupestre (e.g. Baptista, 1999; 2009; Baptista, Santos & Correia, 2006; 2008a; 2008b; Santos, 2012; 2015), não se publicou nenhum dispositivo rupestre de forma aturada, mesmo se os números de rochas identificadas não parassem de crescer graças essencialmente ao trabalho de M. Reis (e.g. Reis, 2014, pp. 29-31). Esta lacuna apenas foi obviada em 2017, em trabalho académico no qual se procedeu à inventariação e descrição exaustiva de todas as rochas com grafismos paleolíticos levantadas até àquela data (Santos, 2019, pp. 441-737). Este trabalho permitiu o tratamento estatístico desta informação, tendo dele resultado uma proposta de faseamento para a arte paleolítica da bacia do Douro, conformada por quatro fases (Santos, 2019, pp. 76-195). A atribuição cronocultural de cada uma destas fases alicerçou-se nas inferências resultantes dos trabalhos de escavação nos sítios intervencionados da região (e.g. Aubry, 2009), naquilo que se foi começando a perceber das dinâmicas de acreção e erosão do vale (e.g. Aubry *et al.*, 2010) e na comparação estilística com grafismos de outras regiões.

A atribuição cronocultural da fase 1 a um momento compreendido entre a vigência do Gravettense e a do Solutrense médio encontra-se confirmada pela relação entre a estratigrafia sedimentar e a estratigrafia figurativa da rocha 1 do Fariseu (Aubry, Santos & Luís, 2014), assim como a atribuição da fase 4 ao Azilense recente se fundamenta no facto da quase totalidade da arte móvel do Fariseu provir da sua camada 4 (Santos *et al.*, 2018). Mas a atribuição cronocultural das fases 2 e 3 assenta apenas na comparação estilística e no facto da análise da estratigrafia figurativa das rochas onde se encontram motivos de várias fases confirmar que estas não só se seguem como também foram feitas entre a vigência das fases 1 e 4.

Ora, cedo nos apercebemos que não só estas questões, como outras de carácter mais interpretativo (e.g. Aubry, Luís & Santos, 2020), só poderiam ser aprofundadas se o conjunto rupestre da região passasse a ser estudado de forma integrada com os restantes vestígios coevos da região e não da forma autónoma como tinha vindo a ser feito até aqui. Os estudos sobre os grafismos paleolíticos da região levados a cabo no âmbito do projeto PalæoCôa foram norteados por esta perspetiva e os resultados foram, quanto a nós, francamente animadores, como em seguida se procurará demonstrar.

1. ESTRATÉGIAS E METODOLOGIA

A escolha dos sítios com arte paleolítica que acabaram por ser intervencionados durante a execução do projeto PalæoCôa foi condicionada por diversos factores: o mais significativo foi a necessidade de afinação cronológica das fases intermédias. Com este intuito procedeu-se ao levantamento integral das rochas da Quinta da Barca e Vale de José Esteves com grafismos integrados numa daquelas fases.

Também uma das razões pelas quais se voltou a escavar na Cardina teve que ver com o facto dos trabalhos anteriores aí realizados terem detetado ocupações datadas daquelas fases, testemunhadas quer por materiais arqueológicos (Aubry, Carvalho & Zilhão, 1997, p. 168), quer por uma data TL (Valladas *et al.*, 2001), o que nos levou a pensar que poderíamos encontrar no sítio níveis conservados desse período (Aubry *et al.*, 2015, p. 11). Tal não se veio a verificar, mas apareceram 35 peças gravadas na sua U.E. 4, que se formou entre o final do Gravettense e o Pré-Boreal (Aubry *et al.*, 2015, p. 16; 2018, pp. 69-70). Para além

da descoberta de arte móvel no sítio, os trabalhos revelaram que as camadas abaixo da U.E 4 eram todas de origem aluvial, o que atestava que o sítio era regularmente inundado até há cerca de 28.000 anos. Uma vez que o sítio se encontra atualmente 20 m acima do leito atual do rio, a interrupção da acreção aluvial do sítio evidencia uma alteração importante do sistema fluvial entre o final do Gravettense e o Solutrense médio (cronocultura identificada já em ambiente coluvial), cujas consequências sobre a dinâmica hidrológica do rio para jusante deste ponto poderiam eventualmente ligar-se com um evento erosivo que se atesta em diversas sítios dos vales do Côa e Douro e que uma análise da distribuição topográfica dos painéis atribuídos às fases 1 e 2 em alguns sítios do vale indiciava ter ocorrido entre a vigência de ambas (Santos, 2019, pp. 151-155).

Por forma a testar as inferências proporcionadas pela escavação da Cardina, voltou-se a escavar na Penascosa, por um lado a cota mais alta na vertente relativamente às duas sondagens de 1995 (onde, teoricamente, se poderia identificar ocupações antigas) e, por outro, na zona mais baixa do sítio de forma a verificar a existência de uma rocha que relatos orais diziam ter sido observada aquando da movimentação de terras no sítio em 1996 e observar o estilo das gravuras aí presentes. Nem a ocupação gravettense nem a putativa rocha se identificou, mas a escavação num outro sector junto à base da vertente veio, de facto, revelar a existência de novas rochas apenas com gravuras das fases mais recentes (Aubry *et al.*, no prelo). Foi ainda com o intuito de identificar níveis magdalenenses conservados que se voltou a escavar no sítio do Fariseu, uma vez que se percebeu que os eventos erosivos que ocorrem no vale são atenuados neste sítio devido à relação entre a orientação das diáclases e a direção do curso do rio, que aqui se dispõem perpendicularmente entre si, contrariamente ao que ocorre nos restantes sectores do vale. Já se identificou ocupações pleistocénicas, ainda não datadas, assim como uma rocha gravada que se destaca pela presença de um grande auroque (Aubry *et al.*, 2020 B) e uma peça de arte móvel.

Já o estudo da rocha 7 da Faia foi motivado por outras razões, desde logo pelo sua singularidade, correspondendo ao único caso do Vale realizado sob abrigo, em zona de penumbra (Santos, Luís & Aubry, 2019). Por outro lado, o seu estudo correspondeu também à conclusão da documentação da arte paleolítica no sítio da Faia.

O decalque direto executado em ambiente noturno ou escurecido, e apoiado por luzes artificiais, foi o método de documentação privilegiado no estudo das superfícies historiadas, parietais e móveis. Trata-se de uma das formas de levantamento possíveis, sendo atualmente interdito o seu uso nas paredes das grutas, devido a questões de conservação. Não se colocando estes problemas no caso das superfícies rochosas do Côa e correspondendo a maior parte dos painéis do Côa a superfícies direitas, o que não levanta problemas significativos de distorção do registo, optou-se por este método, que julgamos ser ainda o mais preciso sobretudo no que toca aos grafismos incisos. Como outros autores (e.g. Lorblanchet, 1995; Fritz & Tosello, 2007; Petrognani & Robert, 2020) advogamos que o levantamento é a pedra-angular de qualquer estudo de arte rupestre, nele se devendo registar todos os elementos de origem antrópica, assim como os que, sendo de natureza geológica, contribuem para a construção das composições estudadas (Figura 2). Complementarmente, a fotografia foi utilizada quer como registo dos trabalhos, quer como registo de composições, figuras e detalhes das mesmas.

2. OS SÍTIOS INTERVENCIONADOS

2.1. Faia

O sítio da Faia localiza-se em ambiente granítico, a cerca de 7 km para montante da primeira grande concentração de gravuras paleolíticas, conformada pelos sítios da Foz da Ribeirinha/ Quinta da Barca/ Penascosa. As primeiras figurações paleolíticas do sítio, da rocha 6, são descobertas por Manuel Almeida e João Félix, sendo referidas por Nélson Rebanda em 1995. Em 1999 A. Martinho Baptista dá a conhecer o decalque dessa rocha, efetuado por um de nós (AFB). A rocha 7 é identificada posteriormente, também por J. Félix e M. Almeida, e referida pela primeira vez em 2003 (García *et al.*, 2003, p. 181). Estes autores identificam o animal aí presente como uma cerva, mas tal interpretação não era consensual (Reis, 2012, p. 48).

Os trabalhos de decalque (Santos, Luís & Aubry, 2019) vieram confirmar que estamos efetivamente em presença de uma cerva disposta na vertical, à qual se associa um traço anguloso que pode corresponder a uma primeira versão do garrote do animal ou a uma unidade não figurativa angular (Figura 3). O animal destaca-se pela animação, patente na extensão do

seu membro anterior e pela utilização do volume do espaço parietal, particularmente evidente na zona da cabeça. A sua integração em análises estatísticas que combinam a análise de correspondências múltiplas com a classificação hierárquica ascendente, a par da comparação estilística vieram apontar para a sua atribuição a um momento final da fase 1 da atividade gráfica da bacia do Douro (Solutrense inferior ou médio) assim como profundas analogias gráficas com figuras da região cantábrica. A atribuição cronocultural desta figura é assim semelhante à que já se havia apontado para a rocha 6 do sítio (Santos, 2019, pp. 204-205).

2.2. Cardina

A Cardina foi identificada em 1995 pela equipa que estava a estudar o contexto arqueológico das gravuras paleolíticas que haviam sido recentemente divulgadas (Zilhão *et al.*, 1995), tendo sido alvo de escavações antes dos trabalhos no âmbito do projeto Palæocôa (Zilhão *et al.*, 1995; Zilhão, 1997; Aubry, 2009; Aubry *et al.*, 2015).

Os grandes contributos dos trabalhos mais recentes para a compreensão da arte do Côa são indiretos, como os que têm que ver com a datação do evento erosivo que terá ocorrido entre a vigência das fases 1 e 2. Por outro lado, os vestígios arqueológicos encontrados no sítio reforçam a ideia de que a arte do Vale se relaciona com o facto da região ter sido, durante a fase mais antiga, palco de eventos de agregação de comunidades que exploravam outros territórios (e.g. Aubry, Luís & Santos, 2020), da mesma forma que evidenciam de forma clara analogias ao longo de diversas fases do Paleolítico Superior entre a visibilidade e distribuição da arte e os diferentes tipos de estruturas que se identificaram na Cardina (Luís, Aubry & Santos, 2015).

De forma mais direta, os trabalhos na Cardina contribuíram para o aumento da arte móvel da região, aí se tendo exumado 35 peças (oito seixos e vinte e sete plaquetas). A série caracteriza-se pelo elevado estado de fragmentação e por uma apreciável heterogeneidade formal, o que é compatível com a natureza do seu contexto sedimentar, que se formou entre o Gravettense final e o Pré-Boreal. Apenas se identificaram seis figurações animais seguras e duas prováveis, distribuídas por seis peças. Algumas figuras apresentam características muito semelhantes às que se exumaram no Fariseu (Figura 4a), atribuída, no essencial, ao Azilense recente (Santos, *et al.*,

2018), mas outras apresentam características mais naturalistas (Fig. 4b). Pelo menos numa das peças (Fig. 4c), a cérvico-dorsal de um cavalo deste último tipo coexiste com um provável zoomorfo muito esquemático. O facto deste último se encontrar enquadrado pelo bordo superior da peça e do primeiro ser interrompido pela fratura da base, a par da notória diferença técnica entre a cérvico-dorsal e os restantes grafismos da peça, que de resto a sobrepõem parcialmente, induz-nos a pensar que podemos estar perante um exemplo de “reenquadramento” da composição após fracturação da peça, tal como documentado no Fariseu (Santos *et al.*, 2018, p. 48) ou no Périgord (Tosello, 2003, p. 15).

2.3. Penascosa

A Penascosa é um dos sítios conhecidos desde a publicação dos primeiros trabalhos na região, (Rebenda, 1995). A maior parte dos trabalhos publicados sobre o sítio debruça-se sobre a sua arte rupestre (e.g. Baptista & Gomes, 1997; Baptista, Santos & Correia, 2006; Santos, 2019), mas antes da nossa intervenção já se tinham aí realizado sondagens arqueológicas e geofísicas que haviam demonstrado que os cerca de 4 m de sedimentos que preenchem esta área do vale são de cronologia holocénica (e.g. Zilhão, 1997; Almeida, 1997).

Como se referiu acima, os nossos trabalhos no sítio revelaram duas novas rochas que se encontravam cobertas por sedimentos recentes. Na rocha 37 observa-se um dispositivo muito simples. Um macho de cabra-montês orientado para a direita encontra-se no centro da composição. O animal foi conseguido por um tipo de picotado cuja morfologia dos impactos e o espaçamento entre eles são mais característicos da fase 2 (e.g. Santos, 2019, 146). Também outras características da figura – como a sua cabeça modelada, delimitação interna da barriga, bordos do corpo pouco pronunciados ou o casco globular na pata traseira contribuem para esta atribuição. Um conjunto de incisões que se descobre no painel, entre as quais se distingue dois quartos traseiros de figuras interrompidas pela zona mais erodida do painel, poderá ser também atribuído a esta fase. Para a direita da cabra-montês observa-se um cervídeo executado por um picotado cujos impactos circulares apresentam uma dimensão mais reduzida que na outra figura, sendo mais espaçados entre eles. Estilisticamente destaca-se pelo corpo retangular, pela cabeça subtriangular preenchida interiormente e

pelas hastes dispostas em perspectiva biangular oblíqua. Deverá ser já atribuído à fase azilense, tal como duas figuras estriadas – entre as quais uma cerva – localizadas abaixo da cabra-montês. Junto à base da rocha identificou-se uma camada conservada entre blocos que embalava vestígios líticos, provavelmente pleistocénicos (Aubry *et al.*, no prelo). Note-se que a rocha se situa entre as rochas 4 e 5, cujo dispositivo já tinha sido atribuído a um momento entre o final da fase 1 e os inícios da fase 2, devido à inclusão de muitas das suas figuras nas classes 2 das nossas análises estatísticas (Santos, 2019, p. 154).

A rocha 38 localiza-se mais abaixo, entre a 37 e a 5, nela se distinguindo, diversos painéis, embora em apenas dois se tenham identificado grafismos figurativos. Num deles apenas se observa duas cervas, uma incisa e outra picotada e abradida, com a cabeça parcialmente definida por ressalto da rocha e com dois membros anteriores. A principal composição é, no entanto, dominada por uma série de auroques fêmeas (Figura 5), mas onde se descobrem também cavalos, pelo menos um veado e dois bovinos machos, correspondendo um deles seguramente a um auroque. O outro, para além das notórias diferenças com o auroque seguro, apresenta uma cérvico-dorsal muito próxima dos bisontes da região franco-cantábrica. A maior parte do dispositivo foi gravado por incisão, por vezes tão profunda que já se poderá considerar estarmos perante casos de abrasão. A picotagem está atestada somente na zona superior do painel, aí se observando possíveis restos de figuras que existiram mais para cima. O que destacamos no dispositivo desta rocha é a sua clara integração na fase Magdalenense da arte do Côa, como se atesta pelos membros modelados dos auroques, a presença de detalhes nas cabeças dos animais, como marrafas (no caso dos auroques), a delimitações do focinho, olhos, narinas, bocas ou mesmo a barbada no caso de um dos cavalos.

Os trabalhos na Penascosa vieram assim reforçar a ideia de uma fase erosiva entre as fases 1 e 2, como se atesta pela ausência de gravuras mais antigas abaixo de uma determinada cota. Esta fase erosiva deverá corresponder à que levou o solo coevo da gravação da rocha 1 do Fariseu (Aubry, Luís & Santos, 2014) e relacionar-se-á com a alteração da dinâmica fluvial do rio responsável pela interrupção da sedimentação aluvial na Cardina a partir do Gravettense médio (Aubry *et al.*, no prelo).

2.4. Quinta da Barca

O sítio da Quinta da Barca foi descoberto por J. Félix e M. Almeida em 1995 (Rebanda, 1995), tendo a sua arte rupestre, sobretudo a da fase mais antiga, sido dada paulatinamente a conhecer ao longo dos anos (e.g. Baptista, Santos & Correia, 2006; 2008; Santos, 2019). A sua arte magdalenense é, no entanto, pouco conhecida (Santos, 2019, pp. 231-233), lacuna essa cuja campanha que aqui se dá conta pretendia colmatar. Os trabalhos consistiram no decalque das rochas 30, 31 e 34, tendo-se também contado com a colaboração de Lucia Díaz, do Museu de Altamira. Estas rochas já tinham sido brevemente aludidas anteriormente (idem, pp. 232-233). Como expectável, o seu estudo veio precisar o número de animais aqui existentes. Assim, se na rocha 30 se confirmou a existência de três veados incisos, não se detetando mais nenhuma unidade figurativa, na rocha 31 a interpretação do auroque como macho parece-nos agora mais discutível. Já a rocha 34 revelou-se bastante mais complexa que o previamente observado (Fig. 2).

De facto, ao cavalo e dois quadrúpedes orientados para a direita anteriormente identificados, juntam-se agora um outro cavalo e uma cerva, ambos orientados para a esquerda e ligeiramente inclinados para cima. Os dois quadrúpedes correspondem a auroques fêmeas com os cornos alongados, dispostos em perfil biangular. As semelhanças do pequeno cavalo agora identificado com os da base da estratigrafia figurativa da rocha 23 (Santos, 2019, 478-487), atribuídos à fase 2 (Solutrense final-Magdalenense antigo), são forte argumento para a sua contemporaneidade. Também as restantes figuras, em particular o cavalo anteriormente identificado, cuja caracterização foi agora precisada, aponta nesse sentido. Os seus paralelos mais próximos no Vale do Côa são Pio5-01 (Santos, 2019, p. 543), ClO3-06, ClO3-10 ou ClO3-11 (idem, p. 647), embora a cabeça do cavalo da rocha da Quinta da Barca seja bastante mais proporcionada e oferecendo detalhes, como o olho, ausente daquelas figuras (Fig. 2).

Muito interessante foi a identificação no topo da rocha 34 (e, portanto, em frente da 31) de um possível anel escavado no xisto. É provável que se trate de uma perfuração histórica, relacionada, por exemplo, com a travessia do rio, mas é preciso não perder de vista que este tipo de vestígio é relativamente habitual em diversos sítios paleolíticos, essencialmente sob abrigos calcários, com cronologias compreendidas entre o Aurignacense e o Magdalenense (Guigue, 2016).

2.5. Fariseu

O sítio do Fariseu foi descoberto por M. Almeida e J. Félix em 1994, tendo sido pela primeira vez referido três anos mais tarde (Baptista & Gomes, 1997, pp. 214-215). Em 1999 uma escavação dirigida por um de nós (TA) vai colocar o sítio definitivamente no mapa da Arqueologia europeia, ao demonstrar que a fase antiga da arte do Côa era necessariamente anterior a um evento erosivo ocorrido antes de 22.000 calBP (Aubry, Santos & Luís, 2014) e que a arte pleistocénica mais recente se deveria datar em torno de 12.000 calBP (Santos *et al.*, 2018).

A hipótese de no Fariseu se poderem ter preservado camadas pleistocénicas levadas pelo rio nos restantes sítios do vale, devido ao facto das diáclases aí presentes apresentarem uma orientação perpendicular ao curso do Côa, levou-nos a retomar aí as escavações. Estas realizaram-se mais a montante, num sector onde a vegetação denunciava uma forte potência sedimentar e onde 4 rochas gravadas haviam sido identificadas, duas delas – rochas 5 e 10 – com grafismos atribuídos ao Magdalenense e uma – a rocha 9 – visivelmente sedimentada, onde apenas se observava um traço picotado (Santos, 2019, pp. 260-261). Os nossos trabalhos concentraram-se em frente desta última, os quais revelaram que o traço que se via à superfície era a garupa de um auroque macho cujas dimensões fazem dele a maior figura gravada da arte paleolítica europeia (Aubry *et al.*, 2020 B). Este animal sobrepõe uma cabra-montês que, por sua vez sobrepõe fêmea de auroque que se associa a um possível vitelo, também sobreposto pelo grande auroque (Figura 6). Esta composição é ainda composta por prótomo de cerva localizado abaixo da cernelha do auroque. Note-se que na base da sequência encontra-se uma associação fêmea de auroque/vitelo cujo paralelo mais claro, também ao nível morfológico, corresponde à associação Pi24-139 e Pi24-142 (Santos, 2019, p. 593), que ocorre em painel coberto por um nível atribuído com reservas ao Magdalenense antigo (Luís, 2009)⁶.

6. Um vitelo (CI11-03) aparece também representado num dispositivo atribuído à fase antiga, na rocha 11 da Canada do Inferno, verosimilmente associado a uma das fêmeas situadas à sua frente, (Santos, 2019, p. 658), mas o paralelo com Piscos é também morfológico, apresentando ambas as fêmeas a mesma forma dos cornos e a cauda enrolada sobre a coxa. Uma outra associação fêmea/cria, desta feita com cavalos, surge no dispositivo da rocha 5 de Piscos, também atribuído à fase 2. Também neste caso, a fêmea parece ter a sua cauda recolhida sobre a coxa (Santos, 2019, p. 542).

Na mesma rocha, mais para a direita, identificou-se uma segunda composição que se distingue pela organização do painel, que se caracteriza pela intensidade das sobreposições, e por uma morfologia dos animais mais próxima da que se encontra na rocha 1 do sítio. Até ao momento identificaram-se nesta composição auroques fêmeas, cavalos e, pelo menos, um veado (Aubry *et al.*, 2020 B).

Mas a escavação não só revelou a existência de um complexo dispositivo rupestre, como demonstrou a sua associação a camadas arqueológicas. As semelhanças entre as camadas mais antigas (UE's 3a/b, 3b e 4) e as que se encontravam em frente da rocha 1 apontam para a sua cronologia pleistocénica. A composição da direita encontrava-se parcialmente coberta pela camada mais antiga do sítio que, por outro lado, embalava também fragmentos gravados que remontavam no painel. Como no caso da rocha 1, o solo pisado pelos gravadores desta composição desapareceu e aquando da deposição da camada 4, a rocha estava já a fraturar-se. Já a composição da esquerda estava apenas coberta pela camada 3a, encontrando-se a pata dianteira do grande auroque a poucos centímetros do topo da 3b (já pleistocénica, mas ainda não datada).

Note-se que não apareceu qualquer vestígio que se possa atribuir ao Azilense, pelo que as camadas, a serem pleistocénicas, serão anteriores àquela cronocultura. Note-se também que a estratigrafia não descarta a possibilidade da composição da direita ser efetivamente mais antiga que a da esquerda. Destaque-se, por fim, o aparecimento de mais uma peça de arte móvel que, embora proveniente de um contexto estratigráfico pouco seguro (base da UE2), apresenta uma figura de quadrúpede que, sendo difícil de classificar devido ao seu esquematismo, não apresenta as características mais típicas da arte azilense (Figura 7). De qualquer forma, os trabalhos vieram comprovar o maior potencial de conservação de camadas pleistocénicas no sítio do Fariseu, assim como levantar a suspeita que o sítio será também crucial para precisar a relação entre as figurações das fase 1 e 2 da atividade gráfica paleolítica da bacia do Douro.

2.6. Vale de José Esteves

Este sítio é também conhecido desde as primeiras publicações (e.g. Rebanda, 1995) sobre a arte paleolítica da região, tendo igualmente sido identificado por M. Almeida e J. Félix. Duas das três rochas estudadas – rochas 4 e 12 – foram descobertas por estes

colegas, tendo a remanescente – rocha 36 – sido já identificada por M. Reis. Dois painéis da rocha 4 tinham sido já publicados e descritos (Santos, 2019, pp. 707-710). Importava terminar os trabalhos de registo desta rocha, assim como do restante dispositivo com grafismos atribuídos ao Magdalenense (idem, pp. 299-302).

Estes trabalhos (Santos *et al.*, 2020) vieram precisar algumas observações relativas à caracterização e relação entre as fases 3 e 4. Assim, os nossos trabalhos vieram reforçar os paralelos entre a arte da fase 3 e os grafismos magdalenenses da região cantábrica, tendo-se vindo juntar aos paralelos já evidenciados entre os animais naturalistas da rocha 4 e os daquela região, os que se observam entre o macho de cabra-montês da rocha 36 (Figura 8) e os da fase 5 de Llonín, atribuída ao Magdalenense médio e superior (Rios & Castro, 2007, pp. 90-94 e bibliografia anterior aí citada).

Os trabalhos permitiram também a identificação de algumas figuras no espaço parietal B da rocha 36 (Fig. 8), cujos paralelos remetem mais para a fase 2, o que abona em favor de uma primeira fase de gravação do sítio anterior à das figuras da fase 3, como já havia sido insinuado pela presença na rocha 4 de uma cabra-montês integrada pelas análises factoriais na classe 1 deste tema (Santos, 2019, p. 120), classe que comporta algumas figuras que poderão ser já atribuídas à fase 2 (idem, p. 155).

Finalmente, refira-se também o importante contributo destes trabalhos para o conhecimento dos signos magdalenenses do Côa, destacando-se no sítio a presença de triângulos e ramiformes, cujos paralelos, tal como as figuras de animais, se distribuem mais pela área norte da distribuição sudeuropeia da arte paleolítica que pelo sua área sul, em contextos essencialmente magdalenenses (Santos *et al.*, 2020).

3. BALANÇO

Graças aos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto, foi possível confirmar a ausência de figurações da fase 1 na zona mais baixa da Penascosa, o que reforça a hipótese de um evento erosivo ter ocorrido entre a vigência das fases 1 e 2 no vale do Côa. Este evento relacionar-se-á com as alterações da dinâmica fluvial atestadas na Cardina e que terão ocorrido entre o Gravettense final e o Solutrense médio.

Algumas figuras integradas pelas análises factoriais nas respetivas classes 1 e que já haviam sido inter-

pretadas como pertencentes à sua fase final ou até já à fase 2, deverão necessariamente ser posteriores ao Gravettense final, designadamente as que se encontram nas rochas 4 e 5 da Penascosa. Os paralelismos destes auroques com os da rocha 6 da Faia são notórios, designadamente ao nível das marrafas e da forma das orelhas. Tal é compatível com a adscrição não só do dispositivo desta rocha, como também do da rocha 37, estudada no âmbito deste trabalho, a momentos finais da fase 1.

As diferenças entre as figuras do painel da direita e o da esquerda da rocha 9 do Fariseu também permitem levantar a hipótese deste último – cujos auroques apresentam a mesma perspetiva dos cornos presentes no painel direito da Faia e em outros sítios adscritos já à fase 2 ou a momentos terminais da fase 1 (Santos, 2019, p. 205) e cujos paralelos mais evidentes para a associação fêmea/vitelo se encontram também entre composições desta fase – ser ligeiramente mais recente. Tal só será passível de ser esclarecido com a continuação das escavações no sítio, com a obtenção de datas absolutas para as camadas que cobrem o painel direito e com o estabelecimento das relações topográficas precisas entre estas camadas e a base do painel esquerdo.

Mais seguramente da fase 2 serão os dispositivos estudados da Quinta da Barca e os grafismos mais antigos das rochas 37 da Penascosa e das 4 e 36 do Vale de José Esteves. Como a cerva da rocha 7 da Faia, estes grafismos paralelizam-se sobretudo com as manifestações gráficas da área de distribuição setentrional da arte paleolítica, algo que se vai intensificar durante a fase 3 (Magdalenense médio/final), como já se havia sugerido, e cujos estudos levados a cabo no Vale de José Esteves, quer a nível dos grafismos figurativos como não figurativos vem confirmar. Esta inferência encontra um equivalente na tipotecnologia da utensilagem lítica da região que denuncia igualmente estreitos contactos com a área franco-cantábrica desde pelo menos o Gravettense antigo (e.g. Aubry *et al.*, 2018, p. 70) até ao final do Paleolítico (e.g. Aubry *et al.*, 2017, p. 410).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco (1997) – Prospecção geofísica dos depósitos quaternários. In Zilhão, João, dir. – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 55-73.

AUBRY, Thierry (2009) — Abordagem tipológica dos conjuntos líticos: contribuição para a definição da sequência

crono-estratigráfica de ocupação humana do Vale do Côa In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 348-356.

AUBRY, Thierry, ed. (2009) – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).

AUBRY, Thierry, ed. (2009) – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2015) – De regresso à Cardina, 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 18, pp. 5-26.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2020) – Fariseu, 20 anos depois. Novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-madan on-line*. 23: tomo 2, pp. 15-27.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, L.; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2018) – Os Neandertais e os primeiros Homens Anatomicamente Modernos no Vale do Côa: Novidades da Cardina. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa, 20, pp. 57-71.

AUBRY, Thierry; CARVALHO, António M. F. de; ZILHÃO, João (1997) – Arqueologia. In ZILHÃO, João, dir. – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 76-209.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; BERGADÀ, Maria M.; SAMPAIO, Jorge D.; SELLAMI, Farid (2010) – Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. Amsterdam, 37, pp. 3306-3319.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo; THOMSEN, Kristina Jørkov; RADES, Eike; AUTZEN, Martin; MURRAY, Andrew S. (2020 A) – Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina—Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. Washington, 43. DOI:10.1017/qua.2020.43

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, José M. & MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SANTOS, André T. (2020) – Territórios e mobilidade dos caçadores-recolectores do Vale do Côa a diferentes escalas. In VILAÇA, Raquel; AGUIAR, Rodrigo S. de, eds. – *(I)mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51-89.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2014) – Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurale d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, ed. – *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique»*, MADAPCA – Paris, 16-18 novembre 2011. Les Eyzies: SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; BARBOSA, António F.; SILVESTRE, Marcelo (no prelo A) – Fluvial dynamics and Palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal). *Comptes Rendus Palevol*. Grenoble.

BAPTISTA, António M. (1999) – *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António M.; GOMES, Mário V. (1997) – Arte rupestre. In ZILHÃO, João, dir. – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

BAPTISTA, António M.; SANTOS, André T.; CORREIA, Dalila (2008a) – O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestialário gravettense e/ou gravetto-solutrense. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. – *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo (Documentos PAHIS, 9), pp. 89-144.

BAPTISTA, António M.; SANTOS, André T.; CORREIA, Dalila (2008b) – Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa). In SANTOS, André T.; SAMPAIO, Jorge D., eds. – *Pré-história – gestos intemporais*. Vila Nova de Foz Côa: ACDR Freixo de Numão (Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 38-61.

BAPTISTA, António M.; SANTOS, André T.; CORREIA, Dalila (2006) – Da ambiguidade das margens na grande arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário gravetto-solutrense na estação da Penascosa / Quinta da Barca. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa, 8, pp. 156-184.

FRITZ, Carole; TOSELLO, Gilles (2007) – The hidden meaning of forms: methods of recording paleolithic parietal art. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Berlin, 14: 1, pp. 48-79.

- GARCÍA DíEZ, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) – Prospeção arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre. *Al-madan*. Almada. IIª série, 12, pp. 180-181.
- GUIGUE, Aurore (2016) – *Les anneaux pariétaux du Paléolithique supérieur européen. Perforations anthropiques sur support rocheux (bloc, paroi, plafond) des abris ornés du Grand Sud-Ouest français*. Toulouse: Université de Toulouse Le Mirail (Mémoire de Master I).
- LORBLANCHET, Michel (1995) – *Les grottes ornées de la Préhistoire. Nouveaux regards*. Paris: Éditions Errance.
- LUÍS, Luís (2009) – Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In AUBRY, Thierry, ed. – *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 84-93.
- LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry; SANTOS, André T. (2015) – Directing the eye. The Côa valley Pleistocene rock art in its social context. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. – *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August – 4 September 2015)*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 1341-1348.
- MEDINA ALCAIDE, Maria Á.; GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; RUIZ REDONDO, Aitor; SANCHIDRIÁN, José L. (2018) – Beyond art: The internal archaeological context in Paleolithic decorated caves. *Journal of Anthropological Archaeology*. Chicago. 49, pp. 114-128.
- PETROGNANI, Stéphane; ROBERT, Éric (2020) – Dating without dates: Stylistic and thematic chronologies in the Paleolithic painted caves of Les Bernoux and Saint-Front (Dordogne, France). *Journal of Archaeological Science: Reports*. Amsterdam. 31, 102260.
- REBANDA, Nelson (1995) – *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: IPPAR.
- REIS, Mário (2012) – “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa. *Portugalia*. Porto. Nova Série, 33, pp. 5-72.
- REIS, Mário (2014) — “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (conclusão). *Portugalia*. Porto. 35, pp. 17-59.
- SANTOS, André T. (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de J., ed. – *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 39-67.
- SANTOS, André T. (2015) – Em torno da arte paleolítica do Vale do Côa. In SANZ MÍNGUEZ, Carlos, ed.— *El Bestiario vacceo. Vaccearte. 8ª exposición de arte contemporáneo de inspiración vaccea*. Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid, pp. 18-26.
- SANTOS, André T. (2019) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).
- SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; AUBRY, Thierry; GARCÍA DíEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge D. (2018) – O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portugalia*. Porto. 39, pp. 5-96.
- SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2020) – Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Côavisão*. 22, pp. 159-190.
- SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry (2019) – Arte da sombra: A rocha 7 da Faia (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal). Um exemplo de arte paleolítica sob abrigo no Vale do Côa. *Conimbriga*. 58, pp. 5-45.
- TOSELLO, Gilles (2003) – *Pierres gravées du Périgord Magdalénien: art, symboles, territoires*. Paris: CNRS (Supplément à *Gallia Préhistoire*, 36).
- VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) – TL dating of upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. Amsterdam. 20: 5-9, pp. 939-943.
- ZILHÃO, João (1997) – Súmula dos resultados científicos. In ZILHÃO, João, dir. – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 12-37.
- ZILHÃO, João, dir. (1997) – *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António M. F. de; ZAMBUJO, Gertrudes; ALMEIDA, Francisco (1995) – O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 4, pp. 471-485.

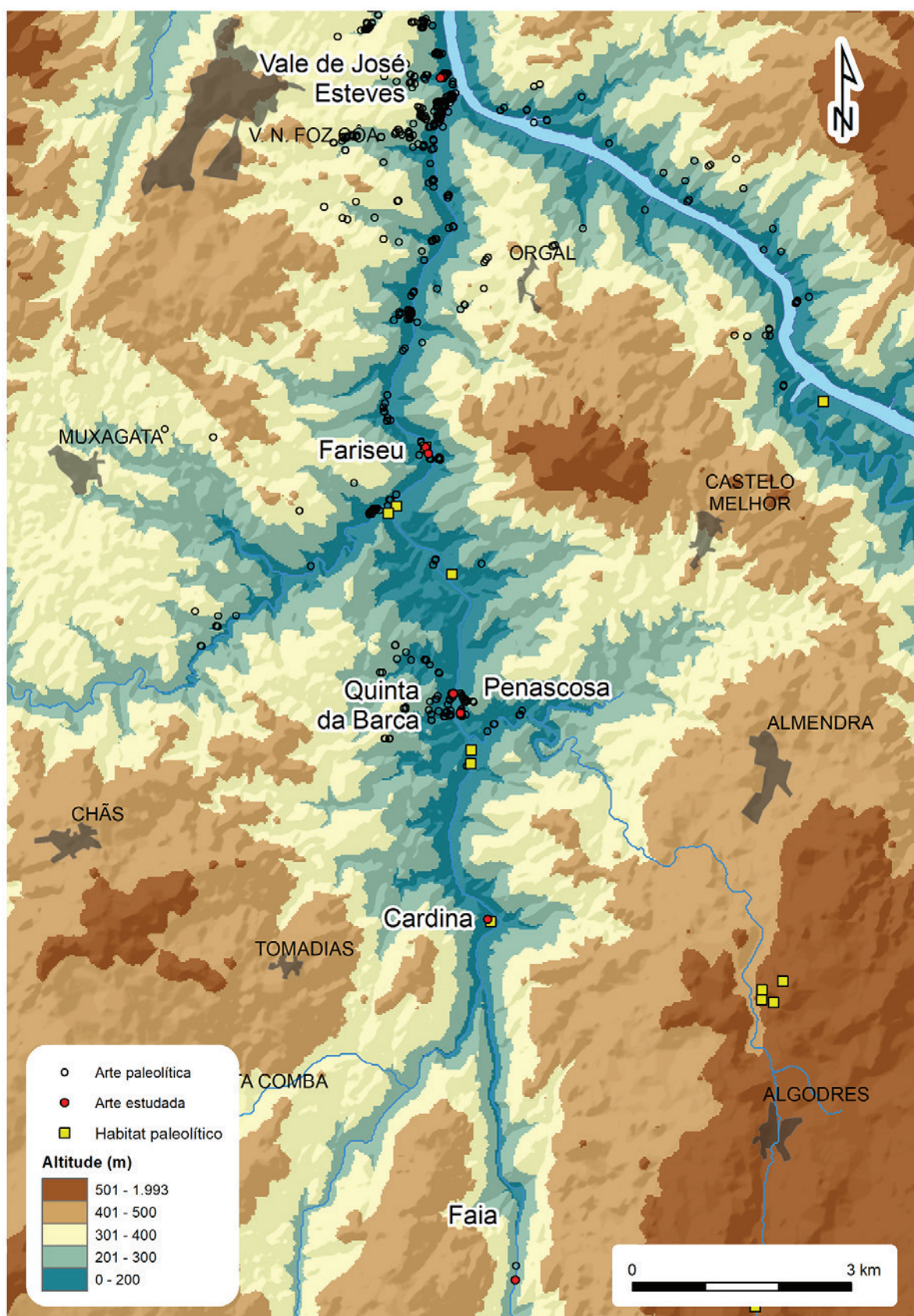


Figura 1 – Distribuição dos sítios do Vale do Côa com vestígios do Paleolítico Superior, destacando-se os que são objeto de atenção no presente trabalho.

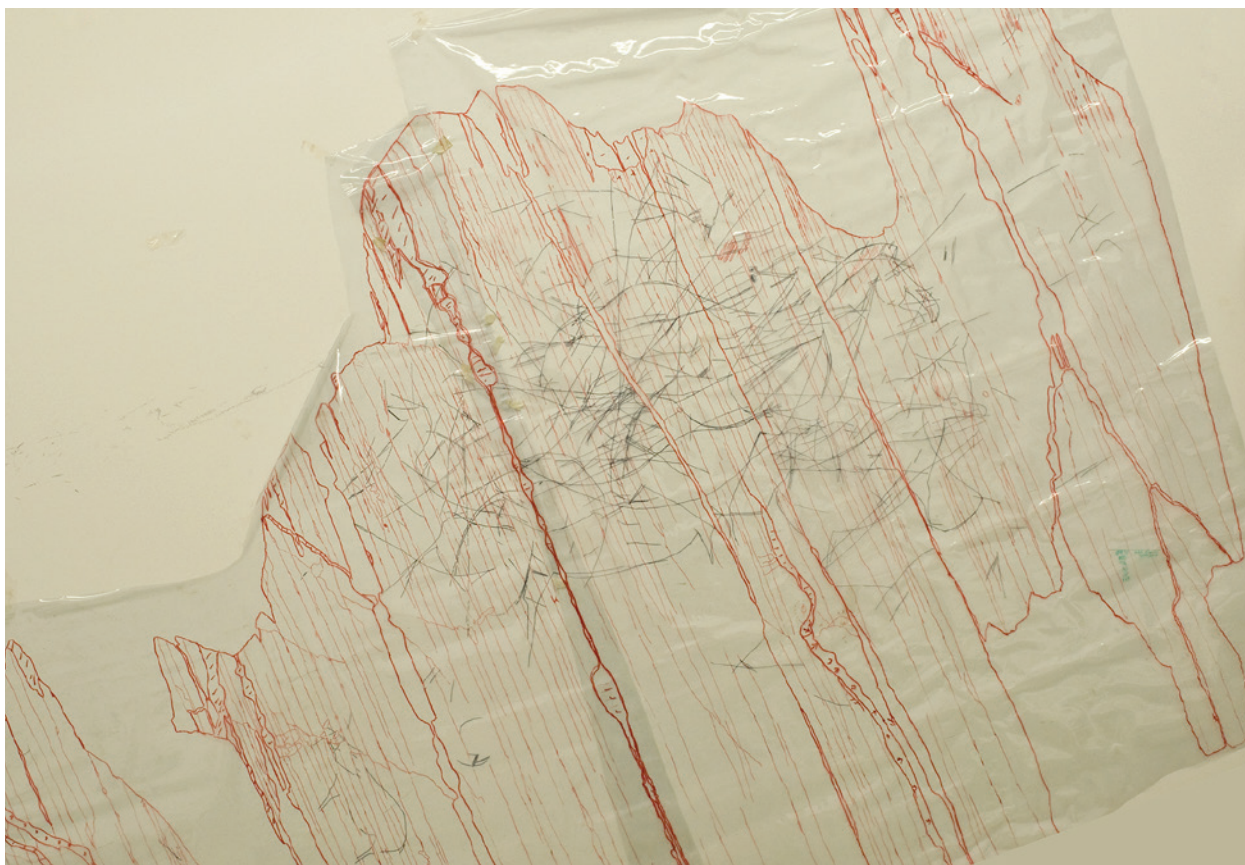


Figura 2 – Decalque “em bruto” da rocha 34 da Quinta da Barca, nele se observando as diferentes cores utilizadas no registo dos elementos antrópicos (negro) e geológicos (vermelho) do painel, e na indicação do plano horizontal do painel, obtido com nível de bolha, e dos autores do decalque (verde).

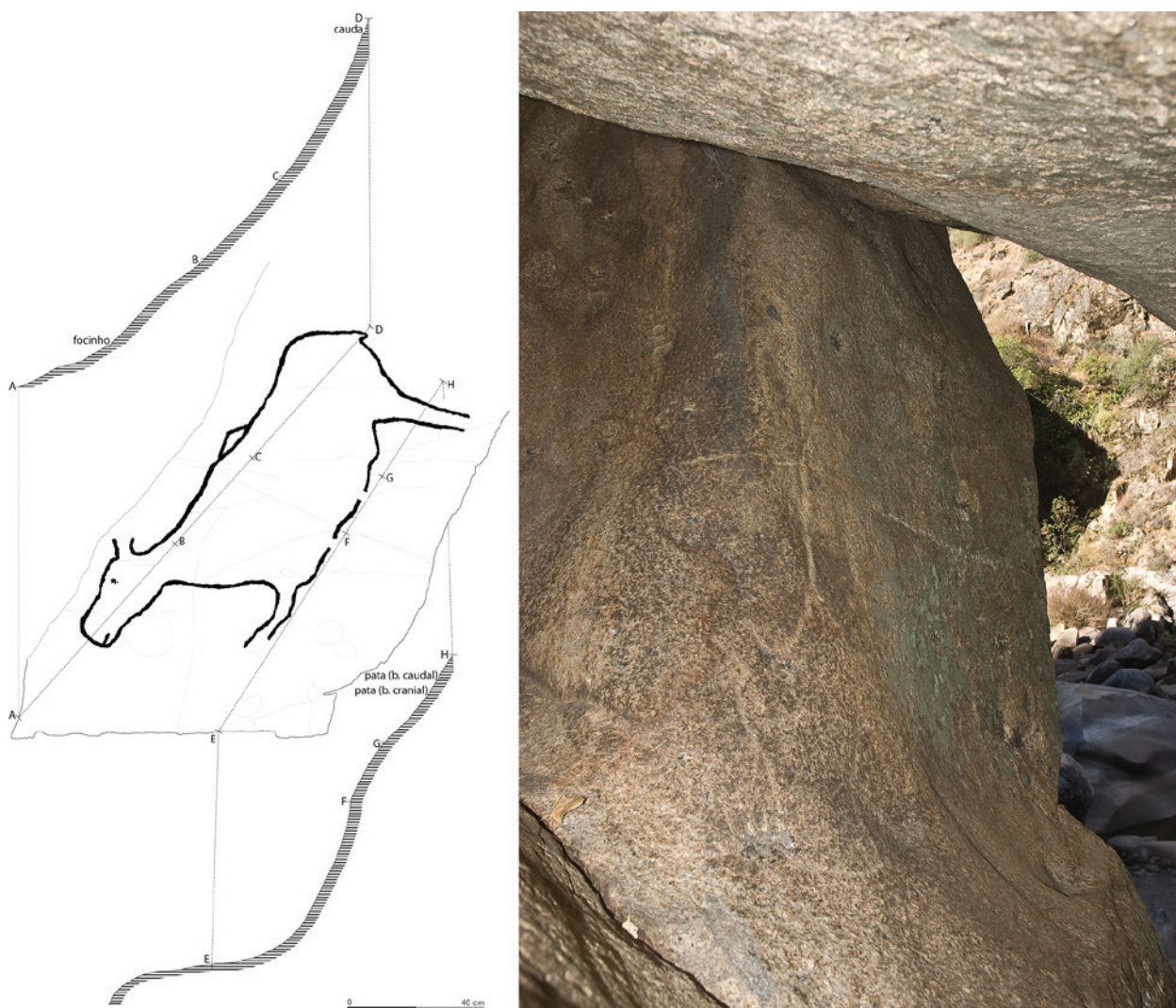


Figura 3 – Rocha 7 da Faia. À esquerda, decalque e duas secções do painel que ilustram a irregularidade do suporte. À direita, foto obtida desde o interior do abrigo.

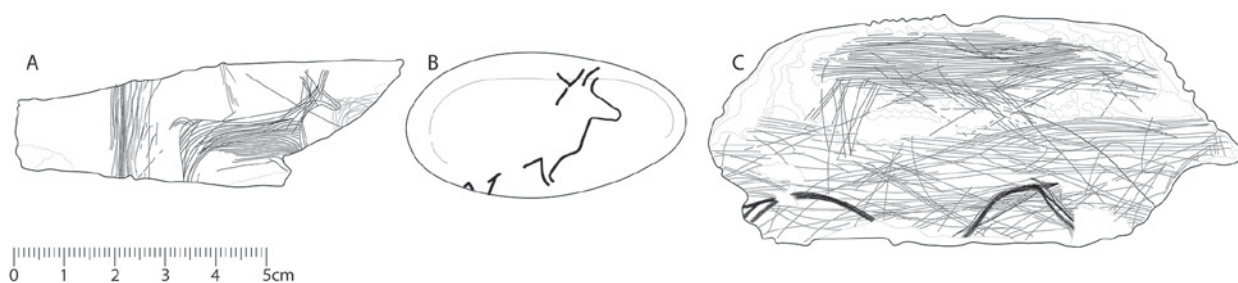


Figura 4 – Variedade morfológica das figuras animais da arte móvel da camada 4 da Cardina. A – peça 18; B – peça 5; C – peça 30.



Figura 5 – O painel principal da rocha 38 da Penascosa.



Figura 6 – Painel esquerdo da rocha 9 do Fariseu.

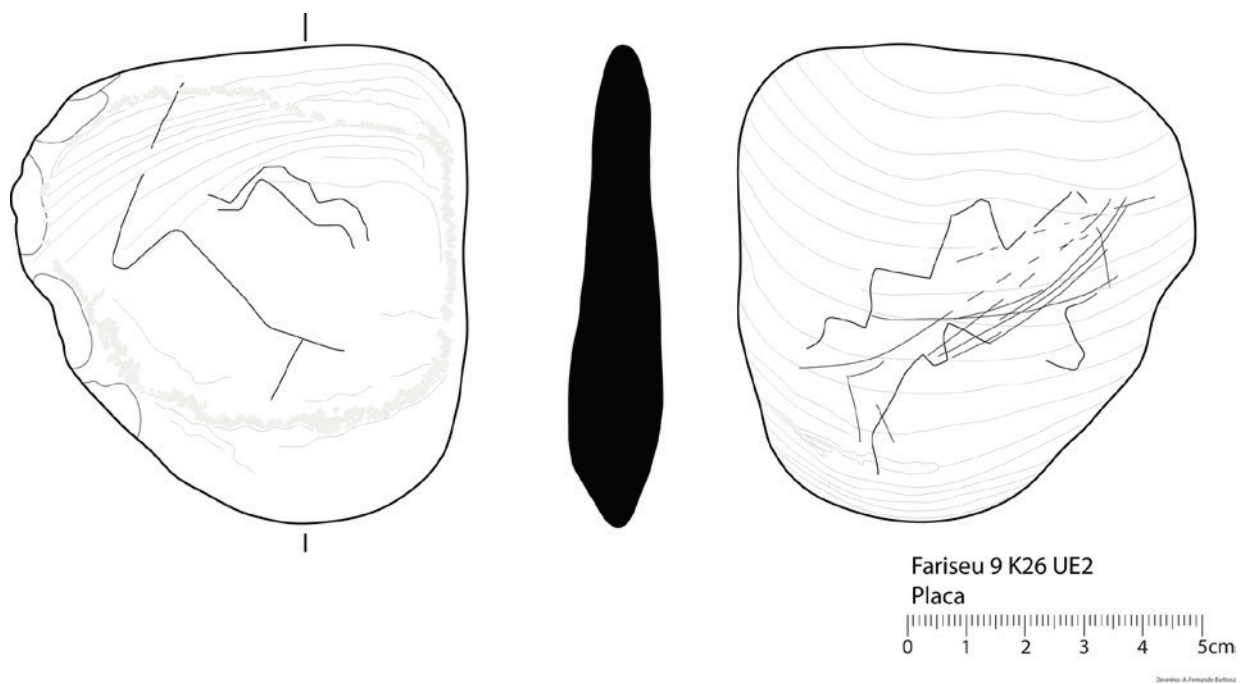


Figura 7 – Seixo gravado exumado na U.E 2 das escavações de 2020 em frente da rocha 9 do Fariseu.

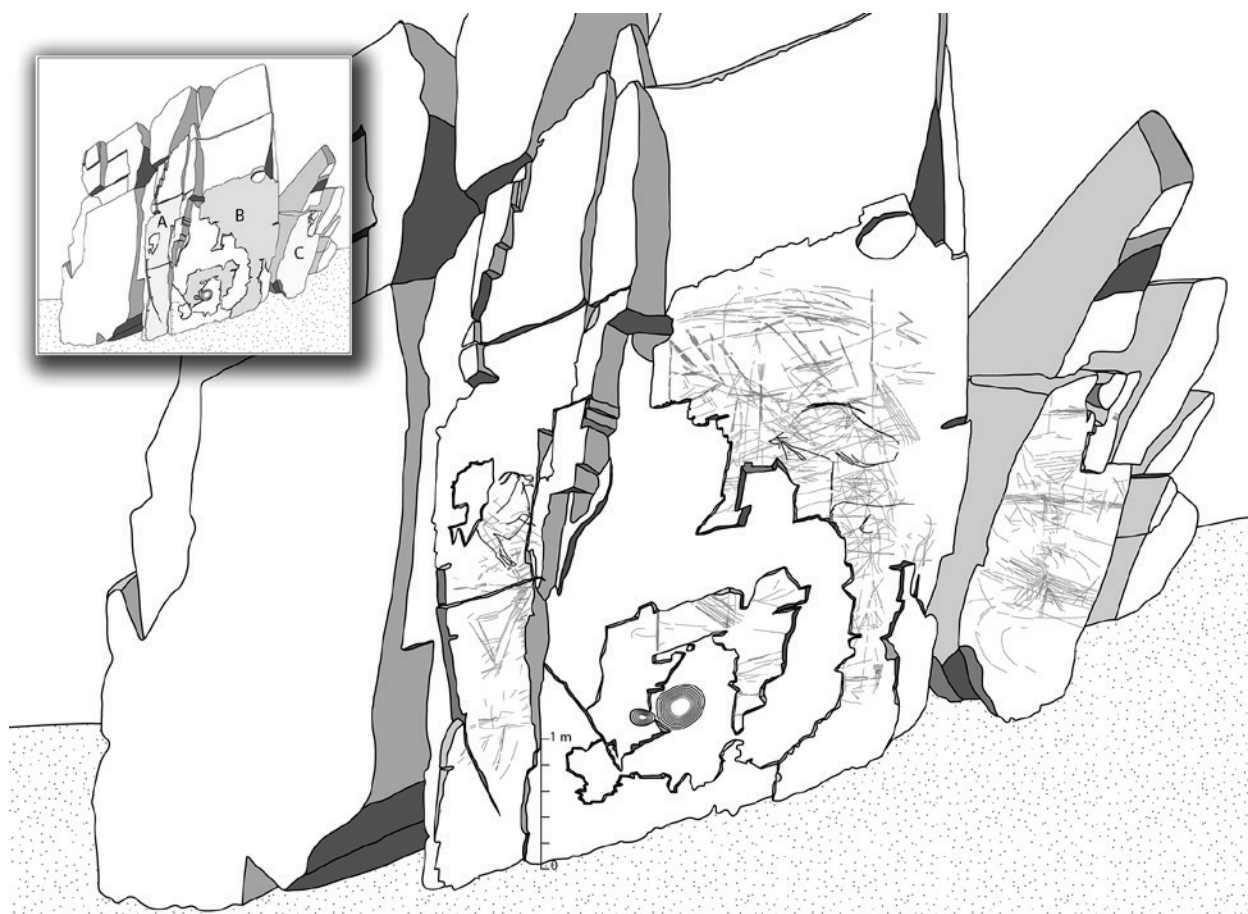


Figura 8 – Rocha 36 do Vale de José Esteves, com indicação dos seus espaços parietais.

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

museu
museu da cidade do porto

